

AS MARCAS DO MACHISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Maví Consuelo Silva^(*)
Olenir Maria Mendes^(**)

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi discutir a influência das questões de gênero nos processos avaliativos formais e informais, identificando situações que conduzem à exclusão de meninos e meninas nas escolas. A etapa aqui descrita investigou como o machismo ainda se encontra presente nas relações cotidianas de uma escola de ensino fundamental, anos iniciais, reforçando os papéis delineados socialmente para homens, mulheres, meninos e meninas.

Palavras chave: Cotidiano Escolar. Educação. Machismo.

Abstract

The objective of this research was to discuss the influence of gender issues in formal and informal evaluation processes, identifying situations that lead to exclusion of boys and girls in schools. The step here described investigated how sexism is still present in everyday relationships in schools, strengthening the social roles outlined for men, women boys and girls.

Keywords: School Routine. Education. Machismo.

As relações de gênero ancoradas pelo machismo e pelo sexismo ainda estão muito presentes em nossa sociedade. São relações construídas historicamente, que delineiam quais papéis sociais são destinados a homens e mulheres. Nessa vertente, apesar dos avanços, as mulheres ainda se encontram em grande desvantagem em relação aos homens, sendo submetidas a situações de desigualdade econômica, social, dentre outras.

Segundo dados do PNAD (2008), das 97 milhões de pessoas presentes no mercado de trabalho, 43,7% são mulheres. Com relação ao desemprego, seu maior índice encontra-se entre as mulheres negras com 10,8%, sendo o indicador para mulheres brancas de 8,3%, 5,7% para homens negros e 4,5% para homens brancos. Os

^(*)Mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pedagoga da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG. E-mail: meivesmm@yahoo.com.br.

^(**)-Doutora em educação pela Universidade de São Paulo (FE/USP) em Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares. Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: olenirmendes@gmail.com.

dados demonstram, ainda, que as mulheres, apesar de terem uma vantagem em relação à escolaridade, ainda não ocupam cargos de liderança, não incorporam em seus salários e remunerações sua formação e são elas que arcam com o trabalho doméstico praticamente sozinhas.

Em relação às ocupações informais, percebemos que as mesmas são, na maioria, ocupadas pelas mulheres, pelos homens negros e mulheres negras. Neste grupo, as mulheres negras possuem rendimentos mais baixos que os homens negros, mesmo tendo nível maior de escolaridade. Em relação ao trabalho doméstico, 21% das mulheres são negras, 12% brancas e 47% pardas, 20% não se manifestou. Quanto à carteira assinada, somente 35% das mulheres, sejam negras, brancas e pardas, possuem o documento¹.

A conquista cada vez maior por parte das mulheres, associada a conquistas sociais e diversas manifestações de gênero e sexualidade, vinculadas a derrocada de barreira e preconceitos, parece não ter sido suficiente para diminuir ou eliminar a dominação masculina. Em vários países, percebemos que as mulheres ainda sofrem, para além das discriminações já citadas, processos discriminatórios de cunho religioso, político e cultural, como acontece com as mulheres judias, que só recentemente conquistaram o direito de expressar-se com liberdade sua religiosidade da mesma forma que os homens. Por outro lado, em alguns países, como no Afeganistão, mulheres são mortas por apedrejamento por não aceitarem as imposições por parte de suas famílias, maridos ou irmãos e, muitas vezes com a conivência das mulheres dessa sociedade, mesmo que por força.

Esses são exemplos que retratam como a luta e as conquistas das mulheres ainda demandam resistências e avanços no sentido de transformar as relações históricas entre homens e mulheres. Não podemos nos esquecer de que as desigualdades existem e estão presentes, tanto no âmbito particular, como no coletivo. “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (LANG, 2001, p. 461) e que precisam ser questionados e revistos, se acreditamos que as mulheres podem, e devem, mudar a situação colocada.

¹ CARREIRA, D. (coord.) INFORME BRASIL – **Gênero e educação**: ação educativa; Ecos; Centro de Referência às Vítimas da Violência do Instituto Sedes Sapientiae; Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação. São Paulo: Ação Educativa, 2011.

Essa dominação é marcada por uma sociedade que concede aos homens mais vantagens, por meio da designação de tarefas e funções de mais valor social, como empregos bem remunerados, cargos de direção ou de chefia ao sexo masculino. Quando ambos ocupam cargos iguais, os homens ganham melhores salários. Via de regra, para as mulheres são designadas as tarefas que demandam cuidados como o trabalho de empregada doméstica, cuidadora, professoras, em especial da Educação Infantil e da primeira etapa do Ensino Fundamental, dentre outras, além de serem de remuneração mais baixa.

A opressão existe e está presente em nossa sociedade, nas instituições que a compõe. No caso da instituição escolar ela está presente nas relações empreendidas entre os meninos e as meninas e, também, entre os homens e mulheres que fazem parte dos grupos sociais.

As relações existentes na escola marcadas pelos seus tempos determinados, espaços e símbolos dizem quais lugares estão reservados às meninas e aos meninos. Esse fato acontece de maneira tão “natural” à comunidade escolar que não nos leva à percepção da concretização das diferenças dentro da escola. Neste sentido, Louro (2003, p. 60) nos relata que "registramos a tendência nos meninos de invadir os espaços das meninas, interromperem suas brincadeiras e usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na ordem natural das coisas".

As situações que ocorrem na escola entre meninos e meninas, homens e mulheres, revelam possíveis opressões que acontecem através de gestos, movimentos e palavras. Essa dinâmica se torna tão natural que passa a constituir os jeitos de ser menina ou de ser menino, homem ou mulher, delimitando espaços e designando o comportamento ideal e esperado. Assim, segundo Bordieu (1995), as diferenças presentes nas relações de gênero estão fortemente representadas pelas trocas simbólicas, ou seja, as representações que se estruturam nas instituições sociais, inclusive na escola.

Devemos considerar que os sujeitos sociais que frequentam a escola, como estudantes, docentes, entre outros/as, também estão na sociedade vivenciando e reproduzindo, mesmo que de maneira inconsciente, relações machistas, produzidas e reproduzidas cotidianamente, dentro e fora da escola, fazendo parte de ambientes sociais mais amplos de meninos e meninas, homens e mulheres.

Para tratar de questões relativas às relações de gênero e avaliação empreendidas em ambiente escolar, foi realizada uma pesquisa com duas turmas do 5º ano do Ensino Fundamental e um grupo de professoras de uma escola pública. A pesquisa nos revelou o quanto o machismo ainda está presente na instituição pesquisada e nas relações que estabelecemos no cotidiano entre homens e mulheres, meninos e meninas no interior da escola. Essas concepções foram percebidas através das respostas dadas a um questionário acerca das questões de gênero e avaliação, respondido pelas professoras e pelos/as estudantes da Instituição.

De acordo com a socióloga Marília Moschkovich (2013), todos e todas vivemos em uma mesma sociedade, com valores e posturas (hierárquicas) em relação às questões de gênero. Sendo assim, segundo a autora, geralmente pautados nos costumes, crenças, valores e vivências sociais, fazemos algumas associações em relação ao “ser mulher” e ao “ser homem”. Essas associações, de certa forma, nos levam a pensar quais comportamentos, atitudes, maneiras de pensar e escolhas seriam adequados para homens e para mulheres. Moschkovich (2013), exemplificando como o machismo está ancorado em nossa sociedade de forma naturalizada, utiliza a associação que fazemos entre as mulheres e a emotividade, de forma involuntária, já “ensinando” às meninas a serem meninas e, conseqüentemente, emotivas. Essa característica deixa de ser uma diferença entre os gêneros e passa a ser uma desigualdade a partir do momento que a emotividade (característica tida como feminina) é entendida como um sentimento negativo e frágil. Logo, as mulheres não são capazes de funções como na política ou no mundo dos negócios, por exemplo, os quais são voltados aos homens, afinal não possuem características de emotividade. Ainda, de acordo com Moschkovich (2013), esse seria o machismo estrutural que leva uma grande parcela da população composta de homens e mulheres que, através de esquemas mentais primários, relacionam características atribuídas às mulheres como negativas quando nos remetemos às posições de maior poder e prestígio social.

Essas relações fazem com que as mulheres sejam mais cobradas quando ocupam cargos que seriam vistos na sociedade como voltados para o público masculino, como, por exemplo, executivas, motoristas, seguranças, prefeitas, vereadoras, presidentas, dentre outras atividades.

Quando analisamos as respostas dos meninos, das meninas e das professoras – somente mulheres ocupavam essa função na escola, objeto dessa pesquisa, suas

respostas permitiram apreender suas maneiras de pensar sobre o assunto em tela.

As duas turmas pesquisadas foram denominadas 5º ano Dom Casmurro e 5º ano Lucíola. No 5º ano Dom Casmurro, 20 estudantes responderam ao questionário, sendo que a turma era constituída por 50% de meninos e 50% de meninas. O mesmo questionário foi respondido pelos estudantes da outra turma do 5º ano Lucíola. Nessa turma, 25 estudantes responderam o questionário, 56% meninas e 44% meninos. No que se refere à idade, meninos e meninas estavam na faixa etária entre 10 e 11 anos nas duas turmas. Em relação às docentes, dez responderam o questionário, todas do turno da tarde, atuantes na 1ª etapa do Ensino Fundamental, ou seja, do 1º ao 5º ano.

Com intuito de conhecermos como os/as estudantes da escola e o corpo docente percebem as relações entre gênero e avaliação, formulamos questões que cercam essas relações na sociedade e também na escola, que permitiram identificar a presença do machismo no pensamento das pessoas da escola pesquisada.

As questões eram assertivas, nas quais os/as respondentes precisavam escolher se eram afirmações aceitáveis, difíceis de aceitar ou desconfortáveis. A primeira assertiva foi "Geralmente, quando a mulher ganha mais que o homem..." considero.

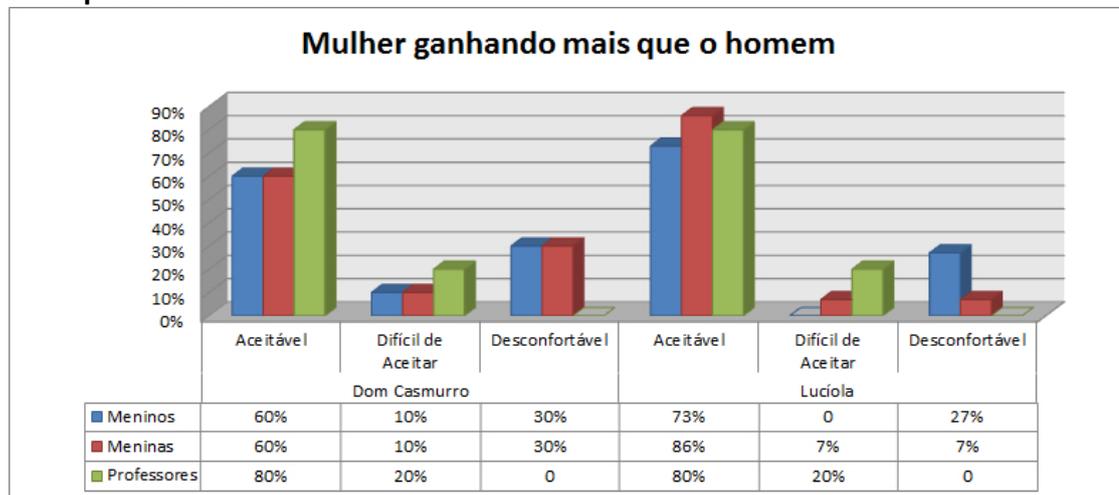
A partir das respostas das crianças das duas turmas, a maioria (71,11%) considerou aceitável e não houve muita variação entre meninos e meninas. Com isso, identificamos apenas o percentual de crianças que sofrem os reflexos de uma sociedade marcadamente machista, reproduzindo, mesmo que inconscientemente, tal postura. Somamos o percentual de crianças que consideraram difícil de aceitar e que se sentiram desconfortáveis com essa situação, o que resultou em 28,88% de crianças que já experimentam um pensamento marcado pelo machismo. Afinal, não deveria ser desconforto o fato de ser a mulher que sustenta a casa com um salário maior do que o do homem, especialmente para crianças dessa faixa etária.

Já para as professoras, das respostas empreendidas, 80% consideraram aceitável e apenas 20% consideraram desconfortável a esposa ganhar mais que o marido. A resposta das professoras demonstra ainda um percentual considerável das que vivem na lógica de um pensamento machista e, por isso, carregam consigo concepções que julgam a imagem do homem como provedor da família e, por isso, devem, de certa maneira, ganhar mais que a esposa.

As respostas dos/as estudantes e das professoras refletem o machismo, que acontece, muitas vezes, de forma natural, como algo que faz parte da sociedade e da constituição do ser homem e ser mulher fazendo parte de uma lógica considerada

normal homens ter mais vantagens, inclusive financeiras, em relação às mulheres.

Figura 1: Opinião dos/as estudantes e das docentes em relação à mulher ganhar mais que o homem



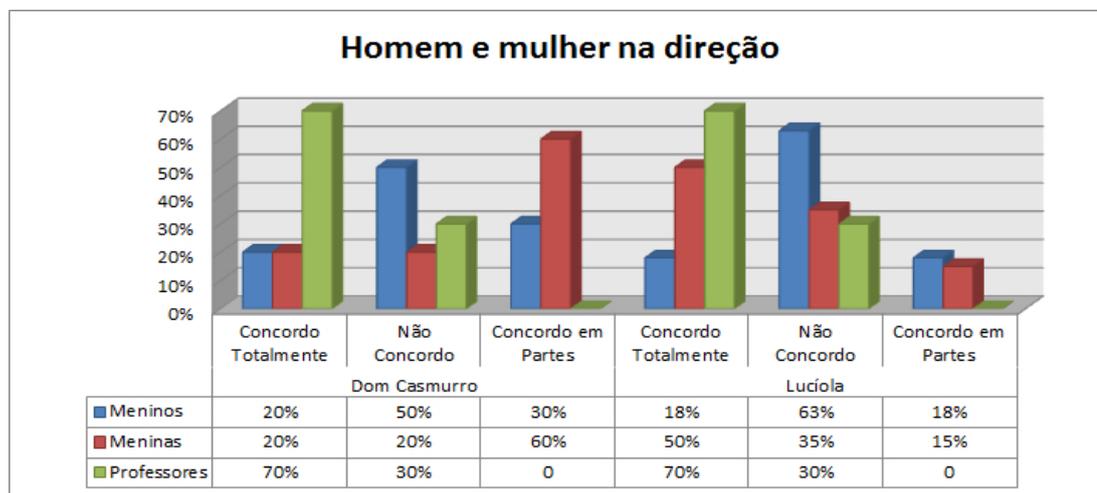
Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

Na segunda afirmação, solicitamos que os/as estudantes e as docentes opinassem sobre um tema bem comum quando nos reportamos às questões de gênero e sua relação com machismo: “Geralmente a mulher dirige tão bem quanto o homem”, para essa questão também apresentamos três opções de resposta: concordo totalmente, concordo em partes, não concordo.

Também aqui não houve significativas diferenças de pensamento, pois os meninos e as meninas das duas salas pesquisadas demonstraram estruturas de pensamento semelhantes com respostas idênticas: 42,2% das crianças escolheram a opção não concordo com a afirmação de que mulheres dirigem tão bem quanto os homens; 28,8% concordam em parte, o que demonstra dúvida e outros, 28,8%, afirmaram que as mulheres podem dirigir tão bem quanto os homens. Quanto às respostas das docentes, 70% concordam totalmente e 30% concordam em parte, demonstrando, em certa medida, concepções machistas, e nenhuma das professoras afirmou não concordar com a assertiva posta. Historicamente, em nossa sociedade, o homem tem sido considerado com maior capacidade de dirigir do que as mulheres. As concepções tanto dos/as estudantes quanto das docentes retratam a visão que o universo feminino deve sempre estar ligado à casa, a uma vida mais reservada, sendo a atividade de motorista incompatível com essa visão historicamente reservada às mulheres. No entanto,

percebemos que, entre a maioria das professoras, há uma mudança acerca dessa concepção.

Figura 2: Opinião dos/as estudantes e das docentes em relação às mulheres dirigirem tão bem quanto os homens

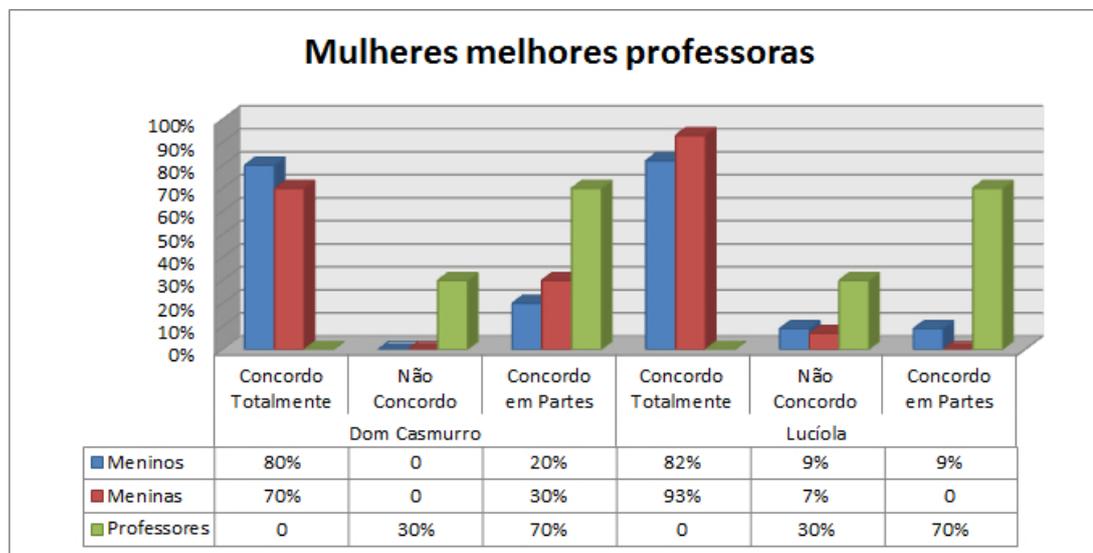


Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

Na terceira assertiva, perguntamos aos/as estudantes e as docentes se as mulheres seriam melhores professoras do que os homens. Para essa afirmação obtivemos uma maioria bastante expressiva entre todos os sujeitos. Para 82,2% das crianças, também independente do sexo ou da sala de aula, as mulheres são melhores professoras. No entanto, as professoras discordam: 70% não ligam o fato de ser mulher com a capacidade docente e as outras 30% concordam em parte. Apenas 13,3% das crianças concordam parcialmente e apenas 4,4% discordam de nossa afirmativa.

A ligação da mulher com a profissão docente é percebida com muita força na resposta das crianças e em algumas das professoras. Historicamente, na sociedade em que vivemos, a relação que sempre é feita com a mulher e o magistério, o que nos remete a imagem da feminilidade e da maternidade. Esses valores estão enraizados no imaginário social e são transmitidos por gerações, solidificando-se como verdades absolutas.

Figura 3: Opinião dos/as estudantes e das docentes em relação às mulheres serem melhores professoras que os homens



Fonte: Pesquisa/Elaboração própria

De acordo com Louro (2003), a escola contribui fortemente para as construções e concepções machistas e sexistas, fazendo com que algumas condutas de comportamento calcadas nas diferenças de sexo sejam interiorizadas, tornando-se naturais. Essa naturalidade nos impede de perceber como são empreendidas as relações entre meninos e meninas e as possíveis diferenças e discriminações advindas dessas relações.

Tendo como exemplo o cargo de professora, especialmente da Educação Infantil e das Séries Iniciais, a relação que a sociedade faz da figura da mulher com a maternidade, com o cuidar, nos leva a associar a imagem da mesma como mais adequada para educar as crianças de menor idade. O processo histórico de feminização do magistério acontece a partir do momento que associação da atividade docente como uma profissão que a mulher tivesse permissão para seguir visto que as funções a serem desempenhadas na escola seriam semelhantes às funções a serem desempenhadas em casa. Nesse sentido,

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa representar de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade e o cuidado. (Louro, 2003, p.99)

A citação ajuda a entender a associação que fazemos das mulheres com o magistério e porque, para a sociedade, é difícil relacionar a imagem do homem com o professor das crianças menores. As construções históricas interferem na maneira que percebemos a sociedade e suas relações.

Considerações Finais

Considerando as respostas dos questionários dos/as estudantes e das professoras, percebemos que as visões machistas e sexistas estão presentes em quase todas as respostas, demonstrando o quanto estão impregnadas, especialmente em relação aos papéis dispensados a homens e mulheres na sociedade. São concepções que, de tão comuns, se tornaram naturais. Sendo assim, é preciso que dispensemos mais tempo à reflexão, ao estudo e ao debate das questões de gênero na sociedade e na educação para pensarmos em relações menos excludentes, pois, só assim, problematizando essas questões e buscando caminhos de resistência, poderemos pensar em uma sociedade que seja menos opressora na construção das relações entre homens e mulheres.

Quando nos reportamos a posturas historicamente machistas, percebemos que são construídas, desde a infância, identidades e comportamentos de homens e mulheres: os meninos são orientados a brincar com carrinhos, sendo assim, não é de se estranhar que eles tenham mais facilidade do que as mulheres, quando adultos, de dirigir, por exemplo. E as meninas, ao brincarem de casinha e boneca, conseqüentemente desenvolverão maiores habilidades com o cuidar, se tornando melhores mães do que os pais.

Nesta vertente, configura-se como papel da escola refletir sobre as construções acerca do jeito de ser menina e menino e como essas construções se articulam nas escolas, tentando pensar em estratégias que visem diminuir os efeitos das discriminações nas relações de gênero e no processo de construção de novas relações entre homens e mulheres que possam gerar comportamentos e papéis que nos tornem pessoas melhores e mais felizes.

Referências

BORDIEU, P. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.2 p. 133 – 184, jul/dez. 1995.

_____. *Pesquisa Nacional por amostra de domicílios 2008*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. In: *Teoria e Educação*. Porto Alegre: Pannonica, 1992.

_____. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Outras Palavras, Google Web. Disponível em - <<http://www.sul21.com.br/jornal/machismo-estrutural-oculto-e-terrivel-por-marilia-moschkovich/>> Acesso em 25/11/2014.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n.2, p. 9 – 42, 2000.

NOVAES, M. E. *Professora primária: mestra ou tia*. São Paulo: Cortez, 1984.

OLIVEIRA, M. V. *Algumas concepções sobre o fracasso escolar no Brasil: como pensar hoje?* Educação e Filosofia, Uberlândia, v.13, n.26, p. 7 – 20, jul/dez, 1999.

ORTNER, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. (Org.) *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 95 – 120.

TOLEDO, C. Mulheres: o gênero nos une a classe nos divide. *Revista Marxismo Vivo*. 1998. Disponível em: <www.pstu.org.br/juventude/mg/txt/mulgen.html>. Acesso em: 11 mar.2013.

WELZER-LAND, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias*. Estudos Feministas, ano 9, 2001.